

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)

Atena  
Editora  
Ano 2022

**Vol 1**

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Vol 1**

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Américo Junior Nunes da Silva  
 Ilvanete dos Santos de Souza  
 Ismael Santos Lira

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b>	
E24	<p>A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ilvanete dos Santos de Souza, Ismael Santos Lira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-258-0710-2            DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.102222511">https://doi.org/10.22533/at.ed.102222511</a></p> <p>1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). III. Lira, Ismael Santos (Organizador). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
<b>Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166</b>	

**Atena Editora**  
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
 Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Temos alguns pilares que inspiram a organização deste livro: o reconhecimento da educação enquanto fenômeno social, as perspectivas que permeiam o processo educacional, harmonizando com o reconhecimento de tendências que forjam a educação como um campo de pesquisa multidisciplinar em contínua e necessária evolução.

Pensarmos a educação enquanto fenômeno social nos conduz a considerar como não triviais o contexto cultural e tudo que dele decorre: os hábitos compartilhados socialmente, os valores morais que identificam uma coletividade específica, as crenças que a mantém coesa. Durkheim (1985), já no início da constituição da Sociologia como disciplina acadêmica, chamava atenção para o fato social como aquilo que perpassa pelos modos de pensar, agir e sentir; que reverberam sobre os indivíduos, exercendo uma “força” sobre as adaptações as regras socialmente estabelecidas. A educação, por exemplo, é um fato social, pois durante todo esse processo os indivíduos vão se desenvolvendo enquanto sujeitos e preparando-se para a vida em sociedade.

Nesse novo século, temos como tendências (não apenas essas), para as práticas pedagógicas, o uso cada vez mais acentuado das tecnologias digitais da comunicação e informação, como a cultura maker, a gamificação e a realidade virtual, destaque para atividades escolares que busquem, de fato, o protagonismo dos estudantes como, por exemplo, a aprendizagem baseada em problemas. Essas tendências estão sendo implementadas, mesmo que timidamente, em algumas instituições de educação ao redor do mundo.

Nesse cenário, viu-se ainda com mais clareza a necessidade de rever o processo formativo dos professores a fim de atender as demandas curriculares e pedagógicas. Cabe aqui localizar o leitor quanto ao contexto social em que os estudos, aqui apresentados, foram gestados. Trata-se de um período pós-pandêmico em que ainda buscamos adaptações para uma nova realidade decorrente de um fenômeno que acentuou ainda mais as desigualdades sociais tais como o acesso à tecnologia e infraestrutura precária das escolas.

As reflexões tecidas nesta obra, intitulada: “**A Educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências**” trazem algumas discussões cujo foco problematiza a educação em diferentes contextos, inclusive o pandêmico, a Educação Matemática Inclusiva, a formação de professores, entre outros.

Dessa forma, convidamos os interessados nos diferentes fenômenos que compõem a educação enquanto prática social enriquecida pelos múltiplos contextos no qual se desenvolve, a refletir à luz desta obra, suas perspectivas e tendências. Esperamos ainda, que ao explorar esse volume, os estudos nele contido possam promover outras investigações e compartilhamentos sobre as

nuances que compõe a educação. Esperamos ter aguçado sua curiosidade sobre as temáticas aqui apresentadas. Portanto, vamos começar?

Américo Junior Nunes da Silva  
Ilvanete dos Santos de Souza  
Ismael Santos Lira

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENOMENO SOCIAL: UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA	
Oscar Edgardo N. Escobar	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225111">https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225111</a>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>14</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO COMPLEXO DE EDGAR MORIN PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Giulliana Pacheco	
Solange Teresinha Seibel	
Maristela Rosso Walker	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225112">https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225112</a>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>22</b>
A FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL: BREVES RELATOS HISTÓRICOS, LEGISLAÇÃO APLICÁVEL E PRINCIPAIS DESAFIOS NA ATUALIDADE	
Luiz Alberto Rocha de Lira	
José António Marques Moreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225113">https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225113</a>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>38</b>
INTERVENCIÓN UNIVERSITARIA PARA EL FORTALECIMIENTO DEL CAPITAL SOCIAL	
Jorge Narciso España Novelo	
Geovany Rodríguez Solís	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225114">https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225114</a>	
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>51</b>
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA: ALGUMAS REFLEXÕES	
Ismael Santos Lira	
Ilvanete dos Santos de Souza	
Américo Junior Nunes da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225115">https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225115</a>	
<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>60</b>
AS PRINCIPAIS PATOLOGIAS CAUSADORAS DE BAIXA VISÃO EM UMA UNIDADE EDUCACIONAL ESPECIALIZADA A PARTIR DA AVALIAÇÃO DA EFICIÊNCIA VISUAL	
Ronald Cristovão de Souza Mascarenhas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225116">https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225116</a>	
<b>CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>72</b>
ANDROCENTRISMO E DESIGUALDADE DA MULHER NA SOCIEDADE	
Cláudia Ramos de Souza Bonfim	

Marcus Vinícius Vital Córdova  
 Marielly Barbosa  
 Hellen Henfrill Ribeiro dos Santos  
 Stefani Penha Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225117>

**CAPÍTULO 8 .....86**

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE ACERCA DO USO DE COPOS DESCARTÁVEIS NO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC) CAMPUS VII/UNEB

Felix Augusto do Carmo Silva  
 Gabriella Eldereti Machado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225118>

**CAPÍTULO 9 .....96**

A VIII OLIMPÍADA DE FILOSOFIA NESEF/UFPR E A FORMAÇÃO FILOSÓFICA

Raquel Aline Zanini  
 Edson Teixeira de Rezende  
 Mayco Aparecido Martins Delavy

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1022225119>

**CAPÍTULO 10..... 104**

LA PEDAGOGÍA DE NEE EN ESTUDIOS SOCIALES Y CONTABILIDAD PARA LA SALUD SOCIAL Y FINANCIERA

Doris Esther Saltos Morales  
 Doris Cecibel Gómez Pesantes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251110>

**CAPÍTULO 11 .....116**

A MATEMÁTICA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PORCENTAGEM A PARTIR DO COTIDIANO DOS ESTUDANTES

Vanessa Bezerra  
 Raquel Angela Speck  
 Denis Rogério Sanches Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251111>

**CAPÍTULO 12.....141**

A MASSA DE MODELAGEM COMO RECURSO COLABORATIVO AO ENSINO DE FRAÇÕES

Audrey Rodrigues dos Santos Dias  
 Alice Assis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251112>

**CAPÍTULO 13..... 148**

ANÁLISI DE LA DEMANDA DEL PROGRAMA DE LICENCIATURA EN

**ADMINISTRACIÓN EN LA UAN CAMPUS TEPIC, EN HORARIO NOCTURNO**

Arnulfo García Muñoz  
 Héctor Manuel Martínez Ruiz  
 Ignacio Maldonado Bernal  
 Juan Pedro Salcedo Montoya  
 Ricardo Gómez Álvarez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251113>

**CAPÍTULO 14..... 157****A IMPORTANCIA DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Patrícia Aparecida da Silva Sales  
 Eliane Portalone Crescenti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251114>

**CAPÍTULO 15..... 169****IMPORTANCIA DE QUE LOS ALUMNOS DEL NIVEL SUPERIOR DESARROLLEN POTENCIALIDADES QUE FAVOREZCAN SU FUTURO ÉXITO PERSONAL, PROFESIONAL Y EMPRESARIAL. CASO FACULTAD DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y ADMINISTRATIVAS EXTENSIÓN SINALOA DE LEYVA**

Juan Miguel Ahumada Cervantes  
 Cuauhtémoc Romero Sánchez  
 Lenin Orlando Salcido Bastidas  
 Rubí Cervantes Leal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251115>

**CAPÍTULO 16..... 179****A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO DOS PROFOP - PROGRAMAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Marcelo Pereira de Oliveira  
 Helena Midori Kashiwagi da Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251116>

**CAPÍTULO 17..... 201****APRENDIZAJE + SERVICIO: EXPERIENCIA EN TRES COMUNIDADES PRÁCTICA INTEGRADA 2- ACCIÓN COMUNITARIA, PROMOCIÓN DE LOS APRENDIZAJES**

Mónica Palacios Tolvett  
 Alejandra Lagos Fernández

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251117>

**CAPÍTULO 18..... 214****APONTAMENTOS SOBRE A EJA: ANÁLISE DO FLUXO DE VAGAS E O ACESSO NO RS, INTERFACES DE UM PERÍODO DE NEGAÇÃO DE DIREITOS**

Giselda Mesch Ferreira da Silva  
 Mariglei Severo Maraschin

Priscila Rostirola Ritzel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251118>

**CAPÍTULO 19.....236**

A CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES E/OU TRANSTORNOS DE APRENDIZAGENS

Whilma Miranda de Sousa Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251119>

**CAPÍTULO 20 .....250**

A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA E A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA

Jarlisse Nina Beserra da Silva

Maritânia dos Santos Padilha

Ana Paula Almeida Ferreira

Jackson Ronie de Sá-Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251120>

**CAPÍTULO 21.....263**

A APRENDIZAGEM E O ENSINO DE HISTÓRIA NO SÉCULO XXI UM MAPEAMENTO DOS SITES BRASILEIROS QUE SE DEDICAM À HISTÓRIA GERAL

Sergio Roberto Holloway Escobar

Maria do Carmo Amaral

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251121>

**CAPÍTULO 22 .....268**

A ALFABETIZAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS

Joyce Cruz Dias

Josiane Regina Evangelista de França

Terezinha Souza de Oliveira Maciel

Ozeni Souza de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.10222251122>

**SOBRE OS ORGANIZADORES .....275**

**ÍNDICE REMISSIVO .....277**

## A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENOMENO SOCIAL: UMA SOCIEDADE EM MUDANÇA

*Data de aceite: 01/11/2022*

**Oscar Edgardo N. Escobar**

Pesquisador e professor adjunto na  
Universidade Estadual de Ponta Grossa/  
UEPG

**RESUMO:** Este trabalho de pesquisa pretende contribuir na discussão sobre a organização social nas sociedades primitivas e a forma como se produz a educação na mesma. O texto traz à luz a discussão de uma investigação mais ampla que está numa fase de construção na Universidade Estadual de Ponta Grossa na qual o pesquisador faz parte.

**PALAVRA-CHAVE:** Sociedades primitivas, educação e sociabilidade humana.

**ABSTRACT:** The research work intends to contribute to the discussion about social organization in primitive societies and the way education is produced in it. The text brings to light the discussion of a broader investigation that is in a construction phase at the Estate University of Ponta Grossa in which the researcher is a part.

**KEYWORDS:** Primitive societies, education and human sociability.

### 1 | INTRODUÇÃO

A vida em sociedade requer um fundamento essencial à compreensão humana, a sociabilidade, talvez esta afirmação apareça como uma obviedade, porém, é um dos fenômenos mais complexos ao entendimento humano. As ciências humanas nos dão uma rica experiência para a compreensão deste longo trajeto da humanização do homem, frente ao grande laboratório que é a natureza, o meio ambiente donde se constrói nosso princípio existencial.

É certamente impossível, neste pequeno artigo, trazer à luz este prolongado e extenso processo histórico, mais levantaremos aquilo que é essencial a nossa discussão, a educação enquanto fenômeno social. A ciência da história sugere que é importante conhecer o passado para entender o presente, assim, como este, será vacilar para a construção do futuro e poder contribuir com a sua transformação.

Desde uma perspectiva científica<sup>1</sup>, sabemos que existiram diversas sociedades ao longo da história, sociedades primitivas, sociedade escravistas, feudal, entre outras, em todas elas encontraremos aquilo que é essencial à sobrevivência em sociedades, em outras palavras, os indivíduos precisam organizar-se, independentemente da sua vontade, para produzir aquilo que é essencial à sua sobrevivência, tanto no plano material, quanto na sua dimensão cognitiva ou simbólica, este processo podemos denominá-lo como modos de produção, por que?.

Desde tempos imemoriáveis o homem vem evoluindo pela capacidade que eles têm do domínio da natureza, por exemplo, as primeiras sociedades (primitivas) dependiam absolutamente daquilo que o meio ambiente lhes oferecia, casavam, pescavam, extraíam a mel da floresta, transformavam os galhos de uma árvore em ferramentas de defesa ou caça, assim sucessivamente, este tipo de trabalho, consumia a maior parte do tempo social, por isto, os pesquisadores afirmam que, são sociedades na qual os processos educativos são construídos na própria prática existencial e coletiva. Além do mais, sabemos que quando uma sociedade começa a produzir um excedente de tempo, é porque as suas necessidades básicas foram atendidas plenamente e sinaliza um aumento de produtividade do trabalho social, esses bens econômicos podem ser trocados com outras comunidades ou, também, esse tempo a mais é deslocado para a arte, não é sem razão, que encontramos desenhos diversos retratados nas cavernas de nossos antepassados. É um indicador claro que a sobrevivência foi atendida e o tempo deslocou-se para o desenvolvimento de outras atividades.

Nas sociedades, com efeito, não podem ser comparadas, pois, isto leva a equívocos irreparáveis e não científicos, historicamente sabemos que no desenvolvimento do modo de produção da economia capitalista, a área da antropologia espontânea, classificava aos povos e às nações indígenas, aqui encontradas, como atrasadas, incultas ou, como eles não encontraram um Estado, leis que regulassem um comportamento classista, passaram a considerá-las não “civilizadas”; logicamente esta forma de abordar uma sociedade resultaria num equívoco, denominado etnocentrismo<sup>2</sup>, por isso, é de suma importância: “superar o etnocentrismo é o primeiro passo para o sujeito pensante, ou o pesquisador, se abrir para o outro. Essa é uma tarefa difícil que requer um exercício permanente de autoconscientização, de relativização de sua própria cultura” (Gomes, 2000:54). De igual forma, um bom método é essencial.

Todavia, para compreender uma sociedade é importante ater-se às forças motrizes

---

1 Esta palavra está relacionada à ciência do conhecimento, procura reproduzir a objetividade do assunto estudado, não parte de pressupostos ideológicos nem se fundamenta no senso comum. É um termo usado na linguagem precisa e rigorosa na investigação de um determinado fenômeno social ou natural.

2 Desde uma perspectiva antropológica, esse conceito enuncia uma visão social de mundo como única e absoluta, socialmente mais importante do que as demais. Isto é um equívoco, porque: “Não existe, portanto, hierarquia no campo da técnica, nem tecnologia superior ou inferior; só se pode medir um equipamento, tecnológico pela sua capacidade de satisfazer, num determinado meio, as necessidades da sociedade. E, sob esse ponto de vista, não parece de forma alguma que as sociedades primitivas se mostrem incapazes de se proporcionar os meios de realizar esse fim” (Clastres, 2003: 134).

do seu desenvolvimento, ou seja, a capacidade do coletivo social de dominar as forças produtivas que dão origem à capacidade de produzir e satisfazer suas necessidades fundamentais, bem como, produzir uma explicação coerente do sujeito e do mundo na qual está inserido, dessa forma, possibilita que os sujeitos se encontrem nesse mundo construído e socializado coerentemente. Ao dar sentido à vida no cotidiano, os indivíduos vão educando-se e acessando uma cultura educativa específica a essa sociedade. O ato educativo é próprio dos seres humanos, assim, o processo da existência humana somente é possível na e através da sociedade, implicando que os indivíduos, por ações que são intencionais, se socializem na estrutura de sociabilidade do coletivo, não existem outras formas de tornar-nos definitivamente humanizados, isto é, somos o que somos porque extraímos dos demais aquilo que consideramos de melhor.

A partir daqui, discutiremos as primeiras sociedades e seus processos educativos que dão coerência e vida ao mundo construído coletivamente e em constante mutação.

## 2 | A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL

Se realizarmos uma comparação entre os seres humanos com outras espécies de mamíferos, poderemos perceber que os primeiros são relativamente novos no planeta terra. Isto se deve porque os estudos da paleontologia, arqueologia e da antropologia social, através de estudos científicos, demonstraram que todos os seres vivos passaram por um processo de seleção natural. Foi com Charles Darwin que a ciência da biologia encontrou seu lugar na história do pensamento científico, o lugar de honra da zoologia, pois, é dessa área do pensamento humano que saiu o evolucionismo no século XIX. Em novembro de 1859, era lançada a maior obra científica da época: “A origem das espécies e a seleção natural”, nela delineava-se as perspectivas atuais sobre as origens e a evolução das espécies, não a partir de suas aparências, mais de características evoluídas compartilhadas, eis por isso que um cientista afirma que:

Possivelmente, graças a um magnífico fóssil, descrito recentemente: uma fêmea chamada de *Ida* e datada de 47 milhões de anos. Seu nome verdadeiro é *Darwinius massillae*, em homenagem ao bicentenário de Darwin. (...) Um século depois da publicação de *A origem das espécies*, as espécies são comparadas e classificadas não somente com base nas características dos dentes, ossos ou órgãos, mas também a partir dos grupos sanguíneos e de todos os tipos de moléculas, como aquelas do sangue que servem para nos defender contra as doenças (Picq, 2012: 17-25, grifos do autor).

Observamos com verdadeiro entusiasmo, nos meados do século XIX, os significativos avanços que a civilização e as ciências do pensamento científico trouxeram para a compreensão do homem e de sua sociedade, esta compreensão gerou inúmeras pesquisas na ciência da história, ao final que são as sociedades? Qual é nosso ponto de partida? Eis nosso estudo a seguir.

## Sociedades primitivas: nosso ponto de partida

Nos primórdios da humanidade os homens tinham uma relação com a natureza extremamente dependente, a divisão de trabalho estava pautada pela sexualidade, isto é, existia uma distribuição de tarefas que estava assentada pela origem biológica, cabia aos homens realizar as tarefas de caça, pesca, construção de moradia, proteger a comunidade, as mulheres ficavam encarregadas das atividades domésticas, posteriormente, num estágio mais desenvolvido destas sociedades, o domínio da agricultura e a domesticação de certos animais da floresta viabilizaram maior interdependência sobre a natureza. Cuidar das crianças e orientá-las de forma lúdica, ao mundo do trabalho e à reedificação dessa sociedade, será uma função única. Portanto, nesta época torna-se vital que os indivíduos objetivem seu trabalho da melhor forma possível.

Nas comunidades tribais as crianças aprendem imitando os gestos dos adultos nas atividades diárias e nas cerimônias dos rituais. Nas tribos nômades, ou que já se sedentarizaram, ocupando-se com a caça, a pesca, o pastoreio ou a agricultura, as crianças aprendem “para a vida e por meio da vida”, sem que alguém esteja especialmente destinado para a tarefa de ensinar (Aranha, 1996: 27).

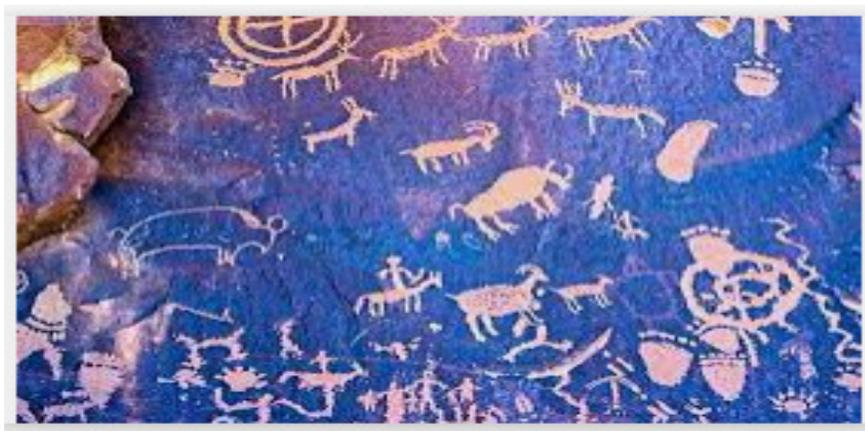
A quantidade de produtos obtidos na natureza e de matérias primas influencia enormemente os limites do território a ser explorado, pois, estes deviam ser conhecidos e percorridos pelos grupos durante o dia, voltando às moradias à noite. Sabe-se que a procura de novos territórios demanda uma logística voluminosa, que, nesta situação estas sociedades careciam. As sociedades primitivas reclamavam um determinado território e mantinham-se prontos a defendê-lo contra aqueles que atentavam invadi-los, concomitantemente, existe uma correlação entre a diversidade e a natureza a ser explorada pelo grupo, pois, esse laboratório natural significa a reprodução e existência do grupo social como um todo.

Através da literatura da antropologia social pode-se observar que a revolução neolítica<sup>3</sup> significou algo mais que a mera transformação da pedra num instrumento de produção, também trouxe uma maior complexidade na divisão do trabalho, possibilitou a formação do núcleo primitivo familiar, os papéis sociais se tornam diversificados, os homens ficaram encarregados da caça, da pesca, da coleta de frutos na floresta, também, construir instrumentos de proteção, etc., e o trabalho feminino ficou destinado aos cuidados dos mais jovens, manter a higiene nos lugares de convívio social, posteriormente a agricultura será uma atividade exclusivamente feminina, todavia; “com o aparecimento da agricultura e da pecuária, os homens puderam, pela primeira vez, produzir mais do que necessitavam para sobreviver, ou seja, surgiu um excedente de produção” ( Lessa & Tonet, 2011: 53).

---

3 É um período da humanidade (compreendida entre 10.000 a. C e 4.000 a. C) na qual a característica principal é a transformação das pedras num instrumento de produção, assim, neolítico significa “pedra nova”, neste estágio de desenvolvimento humano o homem depende muito da natureza e de seu ambiente. Nesse período, ocorre o desenvolvimento da agricultura e a domesticação de animais.

Certamente, está nova realidade trouxe para a sociedade novas formas de sociabilidade.



Fonte: maestrovirtuale.com

Na imagem pode-se observar uma pintura que retrata a vida cotidiana das sociedades tribais ou primitivas<sup>4</sup>, aqui se pode notar que há um trabalho constante e coletivo, todos as atividades convergem para a reprodução da existência não há um excedente de tempo útil para realizar outros tipos de atividade, isto é, significa que o tempo para a procura da subsistência dos membros da comunidade deve ser satisfeita. Sendo assim: “Cada membro válido do grupo é um produtor de alimentos em tempo integral, mas a quantidade de alimento de fato produzido raramente ultrapassa as necessidades de consumo imediato” (Willems, 1962:40). Cabe observar que as experiências do cotidiano são as fontes do conhecimento social, os jovens imitam os mais velhos, assim, aprende-se a caçar, caçando, aprende-se a navegar, navegando, mesmos as atividades lúdicas estarão direcionadas a reproduzir as ações que se encontravam na realidade da sobrevivência da comunidade. Devemos observar que, neste período ocorre uma evolução tecnológica importante no domínio da natureza, invenção do arco e da flecha, do arremessador de lanças e utilização do fogo<sup>5</sup>. Este tinha uma importância fundamental pois: “O fogo criou um ambiente seguro e aquecido. Ao redor da fogueira, os nossos remotos antepassados se sentavam para cortar e assar carne, comer, dormir, amar e sonhar” (Rodrigues, 2003:34). Estas novas realidades também terão um efeito prático nas relações sociais, a complexificação nos papéis sociais, inclusive obrigando os grupos a constituir vilas. Estas tribos de caçadores e coletores organizaram, enquanto necessidade, valores culturais múltiplos.

4 “O desenvolvimento das forças produtivas termina, com a Revolução Neolítica, por tornar economicamente viável a exploração do homem pelo homem. A velha sociedade primitiva é substituída pela sociedade de classes, e as contradições entre os indivíduos adquirem agora uma nova qualidade” (Lessa, 1999: 12).

5 Recomenda-se assistir o filme “a guerra do fogo” do cineasta Jean – Jacques Arnaud, produção de 1982. O diretor discute o intercâmbio de culturas e a socialização do conhecimento. A tribo Ulam não domina a atividade de fazer o fogo artificialmente, já a tribo Ivaka o domina e possui uma comunicação mais complexa e experiência são trocadas iniciando uma sociabilidade em contínua mudança.

hábitos no cotidiano, crenças que passaram a orientar a vida de seus membros, favorecendo também, a sedentarização dos grupos sociais, isto é, a fixação geográfica, é válido afirmar que os indivíduos se desenvolvem transformando a natureza e a si próprios, uma vez que eles não se relacionam com seu meio ambiente de uma forma abstrata, mas segundo as necessidades impostas pelo relacionamento que mantêm entre si.

É importante observar que o parentesco é definido pela parte materna, isto é, as mulheres desempenham um papel fundamental para a reificação da estrutura social, somente elas podem permitir a reprodução social, assim, elas possuem um papel dominante na coesão do coletivo, o casamento, como hoje conhecemos, não se aplica à sociedade dessa época. A sociedade organizada nesse sistema, denominada matriarcado, teve uma existência de milhares de anos; a este respeito, podemos observar que:

Coletividade pequena, assentada sobre a propriedade comum da terra e unida por laços de sangue, os seus membros eram indivíduos livres, com direitos iguais, que ajustaram as suas vidas às resoluções de um conselho formado democraticamente por todos os adultos, homens e mulheres, da tribo. O que era produzido em comum era repartido com todos, e imediatamente consumido. O pequeno desenvolvimento dos instrumentos de trabalho impedia que se produzisse mais do que o necessário para a vida cotidiana e, a acumulação de bens (Ponce, 2015: 19-20).

Efetivamente, foi durante este período de organização social que os homens apreenderam a elaborar atividades mais complexa, pois, modelam e constroem vasos de argila, trocam as rudes armas de pedra lascada, por novos instrumentos de caça, desenvolvem o arco e a flecha e, sobretudo, começam a domesticar animais e as mulheres iniciam a dominação da agricultura, este atributo social parte da crença que somente a mulher possui o poder de gerar vida, assim, a fertilidade da terra será um dote exclusivamente feminino. Com o passar o tempo, haverá um excedente do mesmo, daí que nasceram as artes.

Para utilizar as fontes de conhecimento e de desenvolvimento da vida era necessário pautar-se pela experiência, assim, a educação está voltada para a existência de todos, não há uma hierarquia na estrutura da sociabilidade, o erro não existe, pelo contrário, forma parte importante do aprendizado, os mais jovens incorporam as experiências dos adultos tendo como referência servir à comunidade, por isto, podemos observar que: “A convivência diária que mantinha com os adultos a introduzia nas crenças e nas práticas que o seu grupo social tinha por melhores” (Ponce, 2015: 21). No seu todo, porém, não era suficiente para um desenvolvimento pleno e válido, assim, desde cedo todas as atividades estavam orientadas para a sobrevivência, seria necessário dizer que não existia uma separação entre o mundo simbólico e o espaço das práticas sociais, estas atividades no seu conjunto estariam no alicerce das diversas funções que cada um desempenhara, isto é, no seu conjunto, possibilita a manutenção da vida comunitária. Portanto, o domínio de novas técnicas de trabalho permite uma nova divisão de trabalho e novos papéis sociais, assim:

A invenção da agricultura e da pecuária significou uma grande transformação na vida da comunidade. Isto porque a criação da agricultura significou um desenvolvimento das forças produtivas, isto quer dizer que se transformou, em nível de qualidade, a relação que os homens tinham com a natureza, transformando assim, de forma profunda, a relação dos homens com os outros homens, dentro e fora da produção. O desenvolvimento da agricultura significou também, o surgimento de um excedente (parte da produção para além das necessidades dos produtores (Barbosa & Mangabeira, 1981: 40).

Em virtude dessas circunstâncias, começasse a constituir a instituição familiar, os membros deste clã, inicia um acúmulo de bens que vão além das necessidades do cotidiano, num futuro estas sociedades desenvolveram a apropriação do trabalho alheio, ou seja, as classes sociais<sup>6</sup>, porém, para chegar a este estágio deveram-se passar séculos; por isto, um estudioso e etnólogo desse período afirma que: “As sociedades primitivas são sociedades sem Estado porque, nelas, o Estado é impossível” (Clastres, 2003:143). Efetivamente, esta instituição social somente aparecera com as classes sociais.

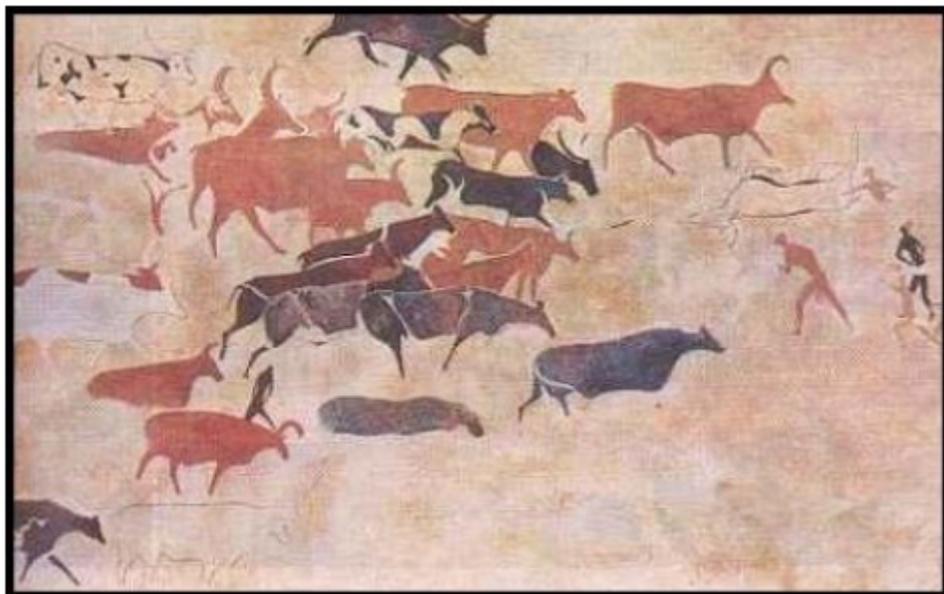
Gradativamente, na medida que começa existir um excedente, a economia ira-se modificando, pois, a redistribuição da riqueza social será apropriada pelo grupo que começa a monopolizar o domínio sobre os outros indivíduos, fator decisivo da desintegração da organização comunitária primitiva ou tribal. De fato, a etapa superior deste processo será inevitável.

O trabalho humano<sup>7</sup> coletivo aparecerá como uma atividade que não se encontra desvinculada da produção da vida cotidiana, da comunidade, ele visa atender as necessidades da população como um todo, não existe a possibilidade da acumulação dos bens de consumo, pois, como todos contribuem para produzir o necessário, o excedente também é repartido entre todos os membros da comunidade. No mesmo sentido, nestas formas de sociabilidade primeiras inexistente a apropriação do trabalho alheio por determinados grupos sociais, isto mudara radicalmente no devir da história humana. A partir destas considerações preliminares podemos perguntar o que é trabalho? A partir daquilo poderemos buscar uma definição adequada desse conceito tão importante para a compreensão da sociedade como um todo.

---

6 “A produção de excedente e determinadas formas de troca significam o avanço das forças produtivas no interior das comunidades tribais, uma espécie de divisão do trabalho que propõe o domínio de relações não tão simplificadas que não se possa observar aí o embrião da desagregação das relações comunitárias absolutas” (Oliveira, 2001: 12).

7 “Para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza, ativa e intencionalmente, os meios de sua subsistência. Ao fazer isso, ele inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano (o mundo da cultura” (Saviani, 2013: 11).



Fonte: estudandoarte.blogspot.com

Nesta pintura pode-se ser observado as atividades que os indivíduos de uma determinada época precisam para sobreviver, podemos visualizar as atividades que os homens realizam num dia de caça, aqui alguém deslocou um tempo para deixar nas paredes de uma moradia suas impressões de um dia de trabalho coletivo.

### **3 | O TRABALHO E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL**

Do ponto de vista social, o trabalho aparece como uma necessidade dos indivíduos por conquistar e atender suas prioridades fundamentais, isto é, ter ou pagar uma moradia, pagar o transporte para o deslocamento ao emprego, lazer, entre outros, a partir desse momento essa categoria adquire sua base fundamental, por isso, ele pode ser definido como sendo:

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (Engels F., 1989: 14).

Em todas as circunstâncias, é pelo trabalho que o homem constrói o mundo de sua sociabilidade e, nesse processo, possibilita a construção de si mesmo, inclusive, é na ausência do trabalho que aparece toda a importância que ele tem na sociedade, na sua ausência os indivíduos e suas condições de vida entram em declínio, suas condições de

existência entram num processo de degradação. Portanto, as atividades que os indivíduos executam na vida cotidiana é o princípio vital para a condição humana. Assim:

Qualquer ato de trabalho é uma atividade produtiva, cujo produto é um valor de uso, condição da existência do homem em sua relação com a natureza. Mas, quando o dispêndio de força de trabalho humana produz bens em excesso para além da subsistência, como na sociedade capitalista, esses bens são trocados e esse é o valor de troca. Por meio da troca de mercadorias, o trabalho privado que as produziu se torna social – o dinheiro, que é resultado do meu trabalho, é trocado por um livro que compro na livraria, por exemplo. (Araújo, Sílvia de, 2011: 49).

Nada indica que para a realização do trabalho os indivíduos, enquanto produtores de valores de uso encontrem os mesmos prontos na natureza, é necessário um esforço intencional e coordenado para produzi-los, a própria comunidade organiza e administra sua vida social coletivamente; assim eles entram em relações que independem da sua vontade, isto não exclui, como sendo os únicos construtores e transformadores do meio no qual estão situados. Eis a seguinte afirmação:

Na comunidade primitiva, as mulheres estavam em pé de igualdade com os homens, e o mesmo acontecia com as crianças. Até os 7 anos, idade a partir da qual já deviam começar a viver às suas próprias expensas, as crianças acompanhavam os adultos em todos os seus trabalhos, ajudavam-nos na medida de suas forças e, como recompensa, recebiam a sua porção de alimentos como qualquer outro membro da comunidade. A sua educação não estava confiada a ninguém em especial, e sim à vigilância difusa do ambiente. (Ponce, 2015: 21).

O que podemos perceber é que existe uma igualdade entre as atividades femininas e masculinas, característica totalmente distinta de nossos dias, neste período todas as atividades produtivas e educativas formam a parte do todo, não existe diferenciação entre as ações do grupo, pois, elas se complementam e adquirem sentido na medida que todos contribuem com sua atividade para permitir a existência da comunidade.

Podemos mais uma vez assinalar que nesta organização social todas as atividades, na sua totalidade, estavam orientadas no atendimento do dever social, no qual está a fundamentação do trabalho, o mundo simbólico é uma extensão da consciência social<sup>8</sup>, os sentimentos são orgânicos e comuns ao grupo na qual os indivíduos estão situados, é de notar que nunca os indivíduos agem por impulsos individuais, ou mesmo egoístas, querendo gozar de benefícios próprios ou subjetivos, muito pelo contrário, as atividades são organizadas no coletivo e, somente, através dele, que acontece a socialização de todos. Por causa disso, estas sociedades desconheciam as desigualdades sociais. Todos trabalham para todos. Dessa forma, a linha divisória entre trabalho manual e o simbólico

---

8 “Os primitivos tem uma interessante “concepção” (...) a respeito do mundo em geral: o animismo”. De acordo com essa concepção, acreditam que o mundo, desde os objetos inanimados, até o homem, está habitado por uma multidão de espíritos benfazejos e malfazejos. (...) Originariamente, esses espíritos eram quase materiais, mas, depois de uma evolução mais ou menos prolongada, começaram a se desmaterializar, convertendo-se em “puros espíritos” (Ponce, 2015: 23).



O que se pode observar, nesta afirmação, é que o processo de ensino dos mais jovens são atividades inerentes à produção de sua existência, o trabalho coletivo permite o domínio do mundo social, exigia-se dele, que se participe ativamente na obtenção daquilo que é essencial à sobrevivência da comunidade. A linguagem é tímida, o que predomina são os gestos mímicos e é basicamente limitada, ela vá evoluindo na medida que a comunidade precisa expressar suas intenções quando não há luz natural, ou mesmo, quando é necessário desenvolver determinados sons para poder socializar uma ação de caça na escuridão. Na medida que a sociedade se desenvolve, um maior número de indivíduos passa a ter uma especialização. Devemos lembrar que as necessidades levam a busca de novas técnicas de produção.

Todavia, devemos observar que aqui inexistente um saber sistematizado, não há a instituição escolar, a cultura é uma construção prática e sensível a modificações. Se prestamos atenção, é mais provável que jamais um adulto ou um outro membro da comunidade, punira ou censurará um jovem por realizar um ato contrário daquilo que dele a comunidade espera, assim, o aprendizado ausenta o castigo. Eles possuíam uma função na comunidade e não lhes era dado tratamento ífero.

Cabe ressaltar, que ao abordar o papel do trabalho nestas comunidades, a educação é um processo intrínseco à sociabilidade humana, por isto, segundo Saviani (1994), desde uma perspectiva histórica: “A natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2013:6). Assim, esta coincide com as origens do próprio ser humano, ele, é moldado, construído e socializado pelas atividades produtivas, logo, se educa para a vida na própria vida. A produção é organizada de forma atender a consumo de todos.

Portanto, aqui não existe uma preocupação sistemática e formal os indivíduos são formados nas próprias atividades produtivas, não há uma necessidade de controlar os sujeitos sociais, nem mesmo, existe um espaço físico de instrução ou aprendizado como o será nas sociedades de classe. Por exemplo, na sociedade escravista ou feudal, há uma nítida diferenciação entre aqueles que são educados para exercer determinadas funções sociais e, aqueles que ocupam uma subordinação frente à estrutura social.

O aparecimento de uma ideologia que justificará essa divisão de classe, por exemplo, vejamos como Aristóteles (384 – 322 a.C), expressa sua época, definindo principalmente que: “não é somente necessário, é também vantajoso que haja comando duma parte e obediência da outra; e de todos os seres. Desde o primeiro instante do seu nascimento, estão, por assim dizer, marcados pela natureza, uns para mandar, outros para obedecer” (Aristóteles, 2000: 12). Portanto, este pensamento filosófico, expressa um período da humanidade na qual as classes definem e dão anatomia à estrutura econômica, política da sociedade.

Portanto, desde uma perspectiva histórica, podemos compreender as sociedades como produto de suas circunstâncias que as tornaram possível, nesse aspecto, as primeiras formas de organização humana que corresponde à infância da humanidade, isto é, as sociedades denominadas tribais, sociedades primitivas, independentemente da vontade das mesmas, ao produzir bens de consumo excedente, começaram a introduzir e desenvolver novas relações sociais que permitiram a sua própria superação. Em última análise, no devir estas formas de sociabilidade que, ainda hoje existe num frágil cenário social, desenvolveram forças produtivas extraordinárias que estimularam e impulsionaram uma modificação em todas as estruturas sociais.

Dessa forma, esta pequena digressão nos possibilitou mostrar a importância deste modo de produção denominado primitivo (primeiro) que se desenvolveu ao longo da história do processo humano, este será inebriado pela categoria trabalho e educação e influenciaram decididamente todo o processo de desenvolvimento social e coletivo, sendo assim, somente a análise do devir histórico pode nos revelar. Por fim, nossa intenção não foi esgotar este importante assunto, esta discussão representa um estudo preliminar que está em curso.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de A. **História da Educação**. 2ª edição. Editora: Moderna, São Paulo, 1996.

ARAUJO, Silvia Maria de. **Sociologia**: um olhar crítico. 1ª edição. Editora: Contexto. São Paulo, 2011.

ARISTOTELES. **Tratado da Política**. Tradução: M de Campos. Editora: Publicações Europa-América, LDA. Sintra, Portugal, 2000.

BARBOSA & MANGABEIRA. **A incrível história dos homens e suas relações sociais**. Vozes São Paulo, 1990.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2003

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Editora: Vitória, Rio de Janeiro, 1960.

\_\_\_\_\_. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Ed. Alfa-Ômega, 1989.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**: ciência do homem: filosofia da cultura. 2ª edição. Editora: Contexto, São Paulo, 2015.

LESSA, G & TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. 2ª edição. Expressão Popular. São Paulo, 2011.

LESSA, G. A centralidade ontológica do trabalho em Lukács. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, V. 52, p. 7-23. 1996.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 21 ed., São Paulo: Cortez, 2005.

HAECKEL, Ernst. **A origem do homem**. 1ª edição. Editora: Global, São Paulo, 1982.

PICQ, Pascal. **As origens do homem**: explicação para crianças. Tradução de Sabrina M. Aragão. Editora UNESP. São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Carlos R. **História do trabalho**. 4ª edição. Editora: Ática, São Paulo, 2001.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 11ª edição. Editora: Autores Associados, Campinas, São Paulo 2013.

RODRIGUES, Rosicler Martins. **O homem na pré-história**. 2ª edição. Editora: Moderna, São Paulo, 2003.

WILLEMS, Emílio. **Antropologia Social**. Tradução: Yolanda Leite. Difusão Europa do Livro, São Paulo, 1962.

**A**

Acesso à EJA 215

Alfabetização 33, 122, 125, 126, 138, 144, 216, 218, 219, 220, 236, 245, 246, 247, 255, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 275

Alunos 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 107, 150, 155, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 178

Androcentrismo 72, 73, 74, 77, 83, 84

Aprendizagem filosófica 97, 98, 99

Asperger 104, 105, 111, 112, 113, 114

Atención 104, 112, 113, 114, 205

Avaliação da eficiência visual 60, 63, 66, 69

**B**

Baixa visão 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

Base nacional comum curricular 22, 26, 27, 34, 126, 142, 147, 160, 167, 229, 248, 252, 260, 261

**C**

Capacitação 34, 179, 186, 272

Capital social 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 82

Complexidade 4, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 32, 125, 128, 134, 164, 183, 186, 261

Copos descartáveis 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Criança 55, 77, 82, 124, 140, 157, 161, 162, 163, 166, 230, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 269, 271

Currículo 25, 56, 57, 97, 98, 109, 147, 174, 179, 180, 187, 229, 230, 261, 262, 272

**D**

Desarrollo de potencialidades 170, 174, 175, 176

Deserción escolar 148, 152

Desigualdade de gênero 73

Dificuldades de aprendizagem 54, 56, 57, 127, 163, 236, 242, 243, 246

Docentes 17, 22, 23, 24, 28, 36, 39, 57, 98, 104, 106, 107, 108, 109, 118, 121, 137, 169, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 183, 184, 186, 188, 191, 198, 203, 210, 212

**E**

Educação 1, 3, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 63, 64, 70, 71, 72, 73, 75, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 137, 138, 139, 140, 147, 158, 161, 162, 163, 167, 168, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 238, 239, 240, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 260, 261, 262, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276

Educação filosófica 97, 102

Educação infantil 97, 98, 167, 168, 182, 195, 215, 250, 251, 252, 259, 260, 261, 262, 268, 273, 274

Educação matemática 33, 51, 52, 53, 58, 59, 116, 138, 139, 275, 276

Educação matemática inclusiva 51, 52, 53, 58, 59

Educación 37, 39, 42, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 105, 107, 115, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 202, 207, 211

EJA 116, 117, 119, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 137, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

ENEM 263, 264, 265, 266

Ensino 11, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 93, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 192, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 225, 226, 228, 231, 232, 234, 236, 238, 239, 240, 242, 243, 245, 247, 249, 263, 264, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276

Ensino aprendizagem 116, 118, 119, 124, 125, 128, 129, 130, 133, 135, 137, 187, 242, 249, 276

Escuelas 41, 45, 169, 170

**F**

Formação de professores 14, 17, 21, 22, 23, 25, 26, 30, 31, 34, 36, 37, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 179, 180, 181, 186, 187, 188, 191, 198, 199, 200, 275

Frações 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

**H**

Hiperactividad 104, 113

Historia 39, 95, 104, 115, 172, 263, 266

Horario nocturno 148, 149, 155

**I**

Impactos ambientais 86, 89, 93, 195, 196, 198

Infância 12, 83, 99, 166, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Interdisciplinaridade 14, 16, 17, 18, 21

**J**

Jogos 82, 147, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

**L**

Letramento 140, 218, 236, 245, 246, 247, 248, 274, 275

Licenciatura en administración 148

Lúdico 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 242, 248

**M**

Machismo 72, 73, 79, 80, 84

Matemática 33, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 90, 110, 113, 116, 117, 118, 120, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 147, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 185, 192, 198, 234, 271, 275, 276

Material dourado 157, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 168

Matrículas 52, 58, 215, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 227, 229, 230, 233

Meio ambiente 1, 2, 6, 19, 86, 87, 89, 92, 93, 94, 179, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 198, 240

**N**

Necessidades educacionais específicas 51, 52, 53

**O**

Oferta na EJA 215

Olimpíada de Filosofia 96, 97, 98, 100, 102, 103

Organizaciones 38, 202

**P**

Pandemia 99, 215, 217, 219, 225, 229, 231, 232, 272, 274

Patologias 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70

Práticas pedagógicas 53, 54, 117, 124, 128, 139, 141, 226, 239

Preservação 86, 88, 92, 93, 94, 181, 184, 185, 193

Professores 14, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 63, 91, 92, 98, 100, 118, 123, 124, 128, 134, 136, 137, 159, 160, 161, 166, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 226, 231, 237, 238, 239, 242, 245, 247, 248, 258, 266, 272, 275, 276

**R**

Regime colaborativo 22

Relação com o saber 116, 127, 136, 138

Revisão bibliográfica 14

**S**

Sociabilidade humana 1, 11

Sociedades primitivas 1, 4

**T**

transtorno 55, 243, 247

Transtorno 67, 243, 248

**U**

Universidade Aberta de Portugal 22

Universidade Aberta do Brasil 22, 23, 33, 35

Universidades 18, 22, 24, 33, 34, 38, 49, 81, 170, 173

**W**

Webometria 263, 264, 265

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2022

**Vol 1**

# A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2022

**Vol 1**